

O POVO ESPOZENSE

SEMENARIO INDEPENDENTE

ANNO III

ASSIGNATURA PAGAMENTO ADIANTADO
Por anno, sem estampilha, 1:200 rs. Por semestre, 600
rs. Com estampilha, anno 1:360 rs. N.º avulso 40 rs.
Brazil, anno. (moeda forte), 2:500 rs. Não se restituem
originaes.

REDAÇÃO E TYPOGRAPHIA, RUA DO ARCO N.º 8

Editor—J. da Silva Vieira

Domingo, 19 de Maio de 1895

ANNUNCIOS LOGAR COMPETENTE
Por cada linha (corpo 14) 40 rs. Repetição, menos 10 %
Comunicados, ou reclames, 40rs. a linha. Os assignantes
25 % de desconto. O pagamento dos annuncios é feito
no acto da entrega do original. Imposto do sello 10 rs.

N.º 148

A PESCARIA

Parece terminado o periodo desolante e desanimador por que, afflictos e miserandos, passaram os nossos honrados e valentes pescadores.

Asempreções empregadas na pesca do alto já sulcam, mais persistentemente, as salsas aguas do oceano, e voltam ao termo de partida, não com uma abundancia aproximada, sequer, á d'outros tempos, mas com uma pesca evidentemente mais animadora.

A colheita feita nos ultimos dias apresenta os symptomas de uma anneza compensadora dos prejuizos dos primeiros mezes do anno.

E de tudo, e de muito mais, precisa essa pobre e desprotegida classe, quasi sempre em lucta sensivel com a miseria!

Grandes, incalculaveis até, foram já as perdas que soffreram nos mezes de janeiro, fevereiro, março e abril, por via das irregularidades do tempo e da falta continua de peixe. Mal lhes iria, porisso, se na quadra em que vamos entrar, quadra dos dias calmos e das noites bonançosas, lhes não corresse melhor a industria que tantos e tantos sacrificios e trabalhos custava.

Em outros pontos do littoral, onde igualmente era notada, mui sensivelmente, a falta de peixe diverso, tomou a industria piscatoria melhor e maior incremento, e em outra escala que não é, nem nunca, hade ser a da nossa costa. E tudo mercê a feitura dos diferentes aparelhos de que usam.

O nosso pescador, (diga-se em abono da verdade) está, na sua maior parte, atrazadissimo, e notavelmente pouco visto no systema de feitura das diferentes armações de pesca. A demonstração atesta-o, e os factos mostram-o.

Ao passo que o pescador poveiro, talvez o mais

arrojado, destemido e trabalhador de toda a costa maritima portugueza, manufatura aparelhos que podem ser lançados a uma profundidade de 60, 70, 80 e mais braças, o nosso pescador limita-se a uns pequenos CARTEIS destinados tamsómente a pescarem em uma profundidade certa e determinada. Mas, o oceano, não é um lago onde o peixe se agglomera em um unico sitio, o mar tem innumeradas zonas. De sorte que o pescador da nossa ribeira não pôde exceder-se, mar em fóra, á distancia de 6 ou 7 milhas,—tal é a profundidade da zona em que pescam—para o lançamento dos seus aparelhos.

Ora individuos versados no ssumpto aventam que o peixe procura, as mais das vezes, as maiores profundidades para o seu estacionamento; portanto, eis um forte motivo para que os pescadores d'aqui exerçam a sua laboriosa industria com aparelhos mais devidamente adaptados.

Porque com bons aparelhos exercem o mister os pescadores da Povoia, Afurada, Figueira, Buarcos, Setubal, etc.

E se duvidam, o que não cremos, experimentem que a experiecia pol-os-ha ao facto da verdade.

O RICO E O POBRE

Nada existe no mundo physico e moral que não tenha a sua rasão de ser; e ás vezes as entidades mais insignificantes, mais desprezíveis ou mais desprezadas são exactamente as que têm em si a decifração dos problemas mais difíceis da humanidade.

Se o pobre não existisse sahia do mundo a virtude mais sublime e encantadora do coração humano, porque a CARIDADE seria uma vã palavra. E' o pobre que offerece ao rico a occasião de converter em caridade, (a chave mais rica e de maior valor para

abrir as portas do ceu) a fortuna e os bens que o mesmo rico possui. De modo que o pobre na ordem da Providencia é por assim dizer o juiz que tem na mão a sorte futura dos favorecidos pela riqueza, o que escreve na fronte dos ricos as benções ou os anathemas.

Na sociedade, tal ainda como se acha organizada, o rico e o pobre são dois elementos essenciaes da PHILANTROPIA, por que para se realizar na ordem social esta virtude humana é necessario que os ricos e os pobres sejam duas realidades.

Imaginemos, se é possível, um mundo onde só houvesse gente rica, esse rico seria escravo da sua propria fortuna, e talvez o mais infeliz dos homens. O coração d'esse ente seria vasio de consolações, e os braços o proprio instrumento de um trabalho que elle não poderia vencer. Trabalharia durante a vida para reunir a riqueza que não teria valor por não ser conhecida a pobreza. N'esse mundo imaginario collocar-se dois, vinte pobres, e começareis logo a notar que com esse apparecimento coincidiria o descaço do rico e que o seu coração experimentava esse sentimento novo, até ahí tão desconhecido, sentimento que resulta da caridade.

A Providencia soube perfeitamente regular a boa ordem na disposição das cousas d'este mundo. Loucura é alteral-a. Nem os sabios com os seus estudos, nem os anarchistas com os seus crimes, nem ainda os santos com as suas virtudes poderiam imprimir uma ordem diferente da que foi estabelecida pela Divindade.

Em todos os ramos do saber humano, em todos as espheras da nossa actividade, torna-se absolutamente necessario o pobre, porque nem as sciencias, nem as artes, nem as industrias existiam se o pobre não existisse.

E' possível que um mun-

do de pobres possa existir e viver por algum tempo, mas deixae chegar esse tempo, arrolae os bens de cada um e vereis immediatamente enormes differenças. Uns pelo seu desleixo continuarão pobres outros mais ou menos ricos, consóante a sua maior ou menor actividade. Ricos todos? é impossivel.

HYMNO DA LIBERDADE

Em seguida transcrevemos as justas apreciações ao hymno patriótico do distincto advogado e brilhante poeta dr. Queiroz Ribeiro, escripto sobre a musica vibrante de Rouget de Lisle, o extraordinario compositor francez.

Dr. Queiroz Ribeiro

Publicamos hoje, uns magnificos versos d'este nosso valioso correligionario e distincto advogado.

Com tão soberba producção, a que o notavel poeta deu o titulo de «Hymno da Liberdade», vem Queiroz Ribeiro commemorar o anniversario da outorga da Carta Constitucional, do codigo que o actual governo se encarregou de esfrangalhar.

Os versos de Queiroz Ribeiro onde transparece um patriotismo sincero, são mais um penhor do superior talento do festejado escriptor que era conhecido em Coimbra por:

QUEIROZ RIBEIRO

DOS POETAS O PRIMEIRO

(Do Circulo das Caldas, das Caldas da Rainha, n.º 117, de 21 d'Abri).

Hymno da Liberdade

Pertence, como se vê, ao nosso sympathico e presadissimo amigo, dr. Queiroz Ribeiro, a letra, inserta no lugar de honra, da manifestação patriótica que se deveria fazer pelo anniversario da outorga da Carta Constitucional.

Quando ella está feita frangalhos o governo ainda tenta illudir-nos asoprando varios reclames á supradita.

Ao nosso estimavel amigo só desejamos que assista breve ao desfilar do povo portuguez enthusiasma-do pela sua bella inspiração.

(Da «Ideia Nova», de Barcellos' n.º 146, de 27 de abril).

Outorga da carta

E' amanhã dia de gala por ser o anniversario da outorga da Carta Constitucional, d'essa carta dilacerada por esse governo imprudente que ainda tem a audacia de mandar annunciar no Diario do Governo que por esse facto, haverá no paço recepção de gala. Corem de vergonha todos os liberaes perante a troça governamental e se houvesse a verdadeira noção do dever, todos amanhã se vestiriam de lucto pela Liberdade que é morta.

Como protesto vehemente contra esse attentado, pois outra classificação não tem o considerar-se de gala o dia 29 de abril, quando já não temos codigo constitucional, publicamos no logar competente o Hymno da Liberdade, patriota composição do liberal Dr. Queiroz Ribeiro.

(Da «Gazeta de Paiva», de Paiva, n.º 31, de 28 de abril).

O nosso respeitavel correligionario e presado amigo, ex.º sr. José Cesar Pereira Pinto Maldonado, dignissimo presidente da camara de Villo Nova da Cerveira, pedo-nos a publicação de um formoso «Hymno da Liberdade», inspirada poesia do mimoso poeta, dr. Queiroz Ribeiro.

Accedendo aos desejos do dedicado e prestimoso legitimista do norte, publicamos em seguida os bellos versos do dr. Queiroz Ribeiro.

(Da «Nação», de Lisboa, n.º 12:076, de 27 de abril).

Por intermedio do sr. Luciano Fataça, de Estremoz, foi-nos dirigido o seguinte pedido a que gostosamente accedemos:

«O sr. dr. Gaspar de Queiroz Ribeiro d'Almeida e Vasconcellos, de Villa Nova da Cerveira, auctor do Hymno da Liberdade, de que vai junto copia, tem grande empenho de que no domingo proximo, 28 do corrente, saia o mesmo hymno publicado simultaneamente nos jornaes liberaes do Alemtejo, a exemplo do que succederá em toda a imprensa liberal de Lisboa, Porto e das outras provincias.

Espera, pois, a fineza de tal publicação, como um grito unanime de protesto na vespéra do anniversario da outorga da Carta Constitucional... que Deus tem em gloria!»

(Do «Elvense», d'Elvas, n.º 1485, de 28 d'abril).

Hymno da liberdade

Commemorando o anniversario da outorga da Carta Constitucional, que o actual governo tem esfarrapado em detrimento da liberdade, escreveu o nosso amigo e brilhante poeta, sr. dr. Queiroz Ribeiro, os inspirados versos que reproduzimos, ajustados á musica grandiosa de Ronget de l'Isle.

(Da «Aurora de Lima», de Viana do Castello, n.º 5:935, de 29 de abril).

A outorga da Carta

O dia de hoje é de grande gala para bisbilhoteiros palacianos, para dictadores insolentes, para seus augustos amos.

E' dia de folga para HARPAS e de lucto, de rigoroso lucto, para verdadeiros patriotas!

Que triste anthese! que doloroso contraste!

Envergando uma libré ignominiosa, tendo nos labios um sorriso hediondo como a traição, e os olhos dilatados pelo fogo crepitante das mais fúrias paixões, elles, os farçantes, os maltrapilhos, dançam um bolero luxurioso sobre o codigo da nossa autonomia liberal, chamada out'ora a Carta Constitucional.

E' assim que se solemnisza o anniversario da outorga do que se tracta como FARRAPO! Que cynismo! que descaramento!

E que faz o povo, que faz, em-

quanto elles dançam?...

O povo, o valente povo portuguez, de um passado tão glorioso e immaculado, preparar-se-ha para castigar tamanha insolencia? alinharse-ha por acaso em esquadões e cantar um hymno entusiasta, um hymno triumphal, cuja letra é do mimoso poeta, e já hoje afamado, illustre e illustrado advogado dr. Queiroz Ribeiro?

Não sabemos: somente ser essa produção poetica que reproduzimos como especimen litterario, a seguinte.

(Da «Patria», de Braga, n.º 6, de 29 de abril).

Do distinctissimo poeta e nosso amigo sr. dr. Gaspar de Queiroz Ribeiro, publicamos hoje o brilhante «Hymno da Liberdade». O assumpto é momentoso. A manhã, anniversario da outorga da Carta Constitucional, os velhos liberaes ao saberem esfarapada essa carta pelos governos saborearão a leitura d'esse hymno inspirado nas agruras da patria e na musica ovante de Rouget de Lisle.

(Do «Alto Minho», de Mousão, n.º 48, de 28 de abril).

Hymno da Liberdade

Damos hoje o lugar d'hora do nosso semanario ao «Hymno da Liberdade» do primoroso poeta, e eminente patriota, o sr. Dr. Gaspar de Queiroz Ribeiro. Falla n'elle a voz da patria eloquente e nobremente. Assim ella seja ouvida!

(Da «Aurora do Cavado», de Barcellos, n.º 1:424, de 1 de maio).

Um nosso estimavel assignante pede-nos a publicação do seguinte formoso Hymno da Liberdade, inspirada poesia do mimoso poeta, dr. Queiroz Ribeiro.

(Do «Bem Publico», de Villa do Conde, n.º 15, de 6 de maio).

O nosso presado correligionario e amigo e distincto poeta dr. Gaspar de Queiroz Ribeiro teve a gentileza de enviar-nos um bello Hymno da liberdade, que escreveu sobre a musica da «Marselheza».

Eis como o poeta assigna o anniversario da outorga da Carta Constitucional, a pobre Carta que os actuaes «dadores» lançaram ao cesto dos papeis velhos, substituindo-a por esse lindo regimem de fervilhocracia migueleira.

Segue o hymno.
(Do «Correio da Noite», de Lisboa, de 29 de abril).

CAMPESINAS

Na velha, despresada igreja ali ás abas da serra, n'um recanto escuro bordado a limos enverdiñados —ha um pequeno quadro denegrido, onde em gastas tintas nma Virgem se desenha n'um ceu deslavado, já quasi sem cor. A velha leada fazia ajoelhar ante elle as mocetonas rosadas, sadias, do povoado—para que a santa Virgem protegesse os seus amores castos, idyllicos, nascidos sob o luar avelludado nas grandes eiras, ao descamisar do milho.

E quando a namorada, forte, crente obtinha d'ella a realisação dos seus ideaes, e que o velho abbade que morá junto á igreja na «Residencia» de muitos seculos, silenciosa e arruinada, lançava junto ao altar-nór a benção nupcial, á noite no escuro recanto havia uma lampada accesa, bruxoleante, que essa noiva collocava ao toque das «Trindades»—depois de agradecer á sua Protectora n'uma oração toda fê, mãos postas e olhar fito no pequeno quadro denegrido, de tintas mortas sem cor.

Uma noite a lampada reverberando no linoso recanto, em doces treulações de luz—indicava um

novo casamento, dizia muitas esperanças realizadas ao de já, muitos sonhos rosados de jovens tornados nma realidade feliz.—Mas ao vir da manhãinha, quando a ultima estrela, mal desaparecia além no horizonte, os sinos dobravam a finados no alto campanario do povoado. Era o esposo de poucas horas, que havia dado o seu primeiro e ultimo beijo n'aquella que ha pouco entrara com o vestido branco do noivado,—e já saia traz do fêretro com os crêpes da viuvez...

E desde essa noite—e já lá vão tantos annos!—nunca mais houve no escuro recanto lampada accesa, nunca mais a Virgem do denegrido quadro teve uma prêce de noivas! Só o velho abbade ao lançar a benção de esposas junto ao altar-nór—pelo antigo costume—ainda diz:

—Que a Virgem vos proteja, meus filhos.

Rio—95.

Luiz Vianna.

CAMARA MUNICIPAL

Resumo das deliberações tomadas pela Camara Municipal na sessão extraordinaria de 23 de abril de 1895.

Presidencia do ex.º sr. Manoel Rodrigues Vianna, achando-se presentes os vereadores Ex.ºs snrs. Domingos Ribeiro Meira Lima, Joaquim Fernandes Patusco Junior, Manoel Moreira dos Santos e José Francisco Belinho.

Aberta a sessão foi lida e approvada a acta, em minuta, da sessão anterior, declarando a presidencia ter convocado esta sessão extraordinaria para dar cumprimento ao artigo 18 da Nova Reforma Eleitoral de 28 de março findo, afim de ser nomeado o vogal effectivo e substituto da Commissão do recenseamento eleitoral que tem de funcionar no corrente anno. Em seguida resolveram nomear Joaquim Fernandes Patusco Junior, vogal effectivo, não tomando este parte n'esta discussão, e Francisco Gonçalves Marques, vogal substituto, resolvendo mais dar d'isto conhecimento aos nomeados, bem como ao administrador d'este concelho. E por nada mais haver que deliberar se encerrou a presente sessão.

Iluminação electrica

A camara municipal de Villa do Conde abriu novo concurso por 30 dias para a illuminação publica a luz electrica n'aquella villa e na povoação de Azurara.

—A camara municipal de Vizen abriu igualmente concurso para a illuminação publica pelo mesmo systema.

Quanto custa a justiça

Dizem de Acra do Heroismo: Numa das comarcas de S. Jorge procedeu-se no mez findo a um inventario orphanologico do valor de 150\$000. Os interessados pagaram de custas... 40\$500! Hão-de confessar que é de graça a justiça a 27 p. c.!

Um pobre... capitalista

Falleceu em Lisboa um pobre de nome Manuel José da Costa, que ha annos vivia n'um quarto alagado. Não se lhe conheciam parentes, e as donas da casa onde habitava encontraram-lhe um espolio em inscripções e metal no valor de 190 contos de reis, sendo perto de 100 contos em metal sonante!

Inspecção de reservistas

Procedeu-se no domingo ultimo na secretaria d'Administração do concelho, sob a presidencia do sr. Antonio José Teixeira de Vasconcellos, illustrado tenente coronel d'infanteria 3, á revista d'inspecção ás praças da primeira e segunda reserva domiciliadas n'este concelho. Secretariava s. exc.ª, o sr. te-

nente coronel, um 2.º sargento do mesmo regimento.

CONSORCIO

O nosso distincto amigo e illustrado administrador d'este concelho, sr. dr. José d'Azevedo Vasquinho, uniu-se na quarta-feira em S. Miguel das Marinhas, pelos sagrados e indissoluveis laços do hymeneu, á ex.ª sr.ª D. Severiana Rosa da Silva, filha do sr. Joaquim José da Silva, sympathico e bemquisto cavalheiro e abastado capitalista do lugar de Goios.

Ao acto solemne concorreram varias pessoas d'esta villa e das familias dos noivos; do lugar de Goios e de outras localidades, assistindo muitas senhoras e cavalheiros á celebração da cerimonia matrimonial na igreja parochial d'aquella freguezia.

Foram paranympfos, por parte do noivo, seu sobrinho o sr. dr. Joaquim Domingues Mariz e o rev.º Antonio Luiz da Costa Azevedo, Abade de Belinho; e por parte da noiva, o sr. Estevão Gonçalves d'Araujo e sua ex.ª esposa, a sr.ª D. Idalina Gonçalves de Lima Araujo.

Foi celebrante o digno e illustrado parochio d'aquella freguezia, rev.º Manoel Martins Giesteira, que á benção sacerdotal fez uma simples mas conceituosa allocução, terminando por enaltecer as preclaras e apreciaveis qualidades do noivo e os nobres e superiores dotes de espirito e coração da joven e sympathica noiva.

Findas as ceremonias do estylo, regressaram os sympathicos noivos e todos os convivas, em diversas carruagens, á bonita vivenda do pae da noiva, sr. Joaquim José da Silva, no aprazivel lugar de Goios; onde foi servido, pelas 3 horas da tarde, um opiparo banquete que decorreu animadissimo, e a que assistiram, entre muitas outras pessoas, as ex.ªs sr.ªs D. Maria Rita de Queiroz Villas Boas, D. Idalina Gonçalves de Lima Araujo, D. Amelia Dias dos Santos Lima, D. Efigenia de Villas Boas Pinheiro, D. Luiza Adelaide da Silva Braga, D. Maria da Conceição da Silva Braga; e as meninas D. Valentina de Barros Lima e D. Christina e D. Maria Fernandes de Faria Lopes; e os ex.ºs snrs. drs. Joaquim Domingues Mariz e Manoel Villas Boas; Manoel Antonio de Barros Lima, Estevão Gonçalves de Araujo, rev.ºs Abades Antonio Luiz da Costa Azevedo, Antonio Manoel de Souza, Joaquim Duarte Pinheiro, Manoel Alves Rosa, Manoel Martins Giesteira, e P.º Francisco M. Giesteira, Francisco Gonçalves Marques, João José Lopes, Francisco Martins Capitão, Antonio João Jacome e Alvaro Pinheiro.

Ao «dessert» foram feitos muitos e calorosos brindes aos noivos, á Religião Catholica, ao magisterio primario, ás senhoras brasileiras, ás senhoras presentes, ao sr. dr. Mariz, aos rev.ºs Abade de Belinho e Reitor das Marinhas, ao dr. M. V. Boas, ao sr. Joaquim José da Silva, etc., etc., merecendo-nos especial menção o brinde felicitação feito aos noivos pelo sr. dr. Mariz.

O seu discurso, breve mas brilhante, architectado com correção e singeleza, causou muita impressão entre os convivas. Pela sua forma se reconheceu que o dr. Mariz é um professor culto que mede, atiladamente, o valor de cada expressão que profere.

Seria 7 horas quando terminou o banquete e quando começaram a retirar os convivas, em diferentes carruagens, e extremamente impressionados pela maneira franca, affavel e cavalheiresca, com que recibidos e obsequiados.

Ao sr. dr. José d'Azevedo Vasquinho, que de ha muito apreciamos no seu caracter primoroso e nobre, como medico distinctissimo e como magistrado recto e digno, as ex-

cellencias da sua alma generosa e boa, endereçamos-lhe as nossas calorosas saudações pelo feliz e auspicioso enlace que vem de contrahir, e fazemos votos pelas suas felicidades; trazendo, a um tempo, as nossas respeitadas homenagens de felicitação á sympathica noiva,—uma senhora dotada de superior educação e um espirito gentil e extremamente bondoso.

A Preguiça

A preguiça é uma madrasta desnaturada que deixa morrer de fome os que estão em lugar de seus filhos. A preguiça é o esquecimento da vida.

A preguiça faz abortar a gloria. A preguiça gasta a vida como a ferrugem consome o ferro.

A preguiça caminha sempre tão devagar, que a pobreza a alcança logo.

A preguiça torna tudo difficil, o trabalho facilita tudo.

A preguiça inutiliza, mais alentos do que a actividade desenvolve.

A preguiça embota todas as armas com que poderia ser combatida. A preguiça e a miseria andam de companhia.

A preguiça é o maior inimigo que um homem de talento pode ter.

A preguiça produz sempre a indigencia.

A preguiça é o fardo mais pesado que existe.

A preguiça é uma paixão como qualquer outra; mas não ha nenhuma mais imperiosa nem mais difficil de vencer.

Festejos ao S. João

Este anno festejar-se-ha com muito brilhantismo, em Fonte-bôa, o popular Santo Precursor.

Far-se-ha em um lago um simulacro do baptismo de Christo, e haverá illuminações á cionno, fogos de artificio e arraial nos dias 23 e 24 de junho, onde tocarão duas afamadas bandas de musica.

Para isso já encetou os competentes trabalhos uma briosa commissão, de que faz parte o nosso amigo Manoel Mendanha de Campos Nogueira.

O Caes

Á illustre vereação municipal lembramos a necessidade de interceder junto da secção hydranlica, para que se proceda, em o nosso caes do dizimo, ás reparações de que necessita.

E' o seu estado deploravel um symptoma degradante do quanto são despresadas os nossos melhoramentos publicos, e um perigo imminente para as pessoas que por elle transitam constantemente.

Uma reclamação da exc.ª camara em nome dos nossos pescadores, alguma consa de proveitoso poderia obter em favor d'esse melhoramento, que tão sensivelmente se vae arruinando.

«O Intransigente»

Após longa interrupção, sahindo novo á luz da publicidade em Villa do Castello este illustrado collega, bisemanario republicano.

Sauidando a sua reaparição, fazemos votos por que o futuro lhe deslize fagueiro e prospero.

Falleceu repentinamente na 2.ª feira, na freguezia de S. Bartholomeu, quando ali andava esmolando, a mendiga Rosa Vadia, d'esta villa.

O seu cadaver foi removido para aqui, afim de ser dado á sepultura.

Movimento marítimo

de 11 a 18

Entradas:

11—Hiate «Flôr do Cavado», mestre Sousa, com pedra de cal, da Figueira da Foz.

Sahidas:

13—Hiate «Gomes 1.º», mestre Loureiro, com madeiras, para Villa Real de Santo Antonio.

Nascimento e morte

Na passada segunda-feira, deu á luz uma criança do sexo masculino que falleceu momentos depois, a extremosa esposa do nosso amigo e muito digno commandante do posto fiscal d'esta villa sr. Joaquim de Sá Tenreiro.

Cumprimentamo-lo, lamentando o infeliz acontecimento.

Abade de Navaes

Esteve entre nós, na ultima quarta feira, o illustrado abade de Navaes (Povo de Varzim), rev.º Manoel Alves Rosa.

Do João de Deus, o lyrico divinal:

Olhos azues os teus
São d'um azul tão doce
Que ainda que não fosse
Creado os ceus por Deus
Elles eram os ceus.

«A Maria da Fonte»

Reappareceu na Povo de Lanhoso este semanario que ha annos tinha suspenso a sua publicação. Apresenta-se independente e tem como seus redactores os snrs. Alfredo Ribeiro e Albino Bastos. Este ultimo tem sido collaborador do nosso semanario e é um publicista de merecimento. O jornal apresenta-se bem redigido, tendo só a deprecial-o a pessima impressão. Desejamos ao nosso collega muitas felicidades, e endereçamos ao nosso amigo Bastos um aperto de mão pelo cargo, em verdade bem espinhoso, que acaba de tomar nas lides jornalisticas.

O «Jornal da Louzan», semanario progressista, passou a militar nas fileiras republicanas.

«Echo Macaense»

Recebemos este importante semanario politico, litterario e noticioso que se publica em Macau debaixo da direcção do abalizado escriptor macaense, o sr. Francisco H. Fernandes, que brilhantemente o redige.

Marinha de guerra

O estado em que, infelizmente, se encontra a marinha de guerra portugueza é, além de pobrissimo, deploravel. Em 31 de Dezembro do anno passado componha-se dos seguintes navios:

Couraçados, 1; corvetas, 6; canhoneiras, 14; canhoneiras de estacção, 8; lanchas canhoneiras, 12; lanchas, 3; transportes, 2; rebocadores, 1; barcas, 1; fragatas, (escola d'artilheria) 1; corvetas (escolas), 2; vapores, 1.

Total 52 navios.

Emigrantes

É grande o numero de emigrantes chinezes que nos ultimos mezes se tem auzentado para as ilhas de S. Thomé e Principe, e para o districto de Casengo na provincia de Angola, com o fim de se empregarem nos trabalhos agricolas.

Esta primeira tentativa de empregar trabalhadores chinezes nas propriedades agricolas das nossas possessões africanas é feita, diz o «Echo Macaense», sob os auspicios do nosso governo que tomou todas as precauções necessarias para lhes assegurar bom tratamento e para lhes garantir que serão garantidos os seus direitos.

Criminoso precoce

Em Portalegre, um rapaz de 12 annos assassinou, a golpes de machado, um homem sexagenario.

O Tiro Civil

Publicou-se o n.º 11 d'este interessante jornal, cujo summario é o seguinte:

Sociedades de tiro, por L. F. Marrecas Ferreira—A educação phisica nas escolas primarias—Secção

litteraria: Recordações, por Carlos Lallemand. Uma anedocta, por P. A. —Errata—Carreira de tiro—Concurso federal de tiro em 1895, tradução de Jeronimo Rollo.—Anuncios.

Redacção e administração, rua Ivens, 35.

«Revista das Escolas»

Temos presente o n.º 9, correspondente a 12 de maio, d'esta excellente publicação que vê a luz da publicidade no Porto, semanalmente.

A «Revista das Escolas», que tanto se tem interessado pelo professorado e pela instrução nacional, acaba de tomar uma resolução, em verdade audaciosa, mas que é digna do auxilio dos seus subscriptores. A partir do dia 4 de maio, a «Revista das Escolas» passou a publicar-se semanalmente, sem augmento do preço da assignatura. Além d'este acto de verdadeiro affecto pela instrução, acaba tambem a sua illustrada Direcção de estabelecer uma «agencia escolar» gratuita, annexa à «Revista das Escolas», com o fim de prestar ao professorado portuguez, principalmente ao de fóro da cidade, todos os serviços de que possa carecer essa nobre classe, como: esclarecimentos, pedidos, encomendas, etc. e todos os assumptos profissionais; e ainda um «Gabinete de leitura e consulta», ao lado dos seus escriptorios, dedicado a todos os assignantes da «Revista», e que é por sem duvida uma obra de resultados proficuos para os estudiosos.

Com estes importantes melhoramentos introduzidos na «Revista das Escolas», presta sua Direcção um valioso serviço a todos os membros do magisterio: resta que estes contribuam com a sua dedicação, que corresponde ao auxilio importante da sua assignatura.

Por nossa parte, auguramos ao prestantissimo collega uma vida dilatada, a par da pratica de novos emprehendimentos, que serão a prova do bom acolhimento dos seus assignantes e das suas prosperidades.

Durante a semana finda, fomos mimoseados com persistencia por um calor de Nigrícia. Ha tres dias porém, que um ventinho forte do quadrante Norte levanta nuvens espessas de poeira por essas ruas, que muito tem incommodado os pobres mortaes.

Paciencia, santinhos, nem tudo pode correr á medida dos nossos desejos...

Cadelras a concurso

Consta que vão ser postas a concurso para cima de 100 cadeiras d'escolas primarias, sendo as condições de concurso eguaes á dos anteriores.

Cantem victoria es encarnicados detractores do celebre Leon Hermoso e todos os anti-saragoçanos. Cantem, cantem com força e com alma, porque o famoso metereologo foi muito «desinfeliz» nas previsões da quinzena que findou na 4.ª feira da semana decorrida.

Pesca

Recomeçaram com grande afan os trabalhos de pesca em o nosso littoral.

Durante alguns dias da semana a pescaria foi regular, entrando em o nosso porto algumas lanchas povoadas com alguma sardinha bem formada, que obteu o preço de 160 e 200 reis o cento.

«A Gazeta»

Assim se intitula um novo collega diario que veio á luz da publicidade em Lisboa, e que se filiou no partido legitimista.

Agradecemos a troca que se dignou estabelecer, e que retribuirmos, parcamente, com o envio do nosso modesto semanario, desejando ao novo campeão legitimista uma longa vida e muitas prosperidades.

Santa Quiteria

Principaram a celebrar-se antehontem na igreja matriz as novenas em honra da milagrosa imagem de Santa Quiteria, que deve festejar-se no mesmo templo no proximo domingo, 26 do corrente.

Devia ter sido hontem publicada no «Diario do Governo» a reforma da camara dos pares.

S. JOÃO

A Comissão encarregada de promover os festejos ao S. João Baptista n'esta villa, que promettem ser esplendrosos, encetou antes de hontem os seus trabalhos.

Oxalá os vejam cobertos do melhor exito.

Morta em vida

Em Dournazac, França, foi enterrada uma mulher, que os medicos julgaram morta. No cemiterio, os coveiros ouviram barulho dentro do caixão e foram immediatamente chamar um medico.

Aberto o caixão, tiraram a pobre mulher que ficou muito admirada de se ver em taes commodidades...

E o caso não era para menos.

ANNUNCIOS

ANNUNCIO

A Comissão do Recenseamento Eleitoral do concelho de Espozende manda annunciar, em observancia do art. 21.º do decreto de 28 de março de 1895, que na sua sessão de installação resolveu reunir diariamente das 11 horas da manhã ás 3 horas da tarde, nos dias 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 24, 25 e 27 do corrente mez, a fim de proceder ás operações do recenseamento a seu cargo.

Salla das sessões da Comissão do Recenseamento Eleitoral, 6 de maio de 1895.

O Secretario da Comissão, JOÃO EVANGELISTA DA SILVA

QUEM PERDEU?

O servo da igreja Matriz tem em seu poder um guarda-chuva, que entregará á pessoa que prove pertencer-lhe e que pague as despesas d'este annuncio.

VASCO A. PINHEIRO ALFAIATE PORTUENSE

Participa a todos os Ex.ªs freguezes e ao publico em geral, que continua a funcionar o seu muito acreditado atelier em Espozende, na rua do Caes N.º 12.

N'este atelier executa-se toda e qualquer obra concernente á sua arte, como nas principaes casas do Porto e Lisboa.

Não vem com isto illudir o respeitavel publico, porque as suas obras já tem sido e serão sempre elogiadas no Porto e Lisboa.

Grande redução em preços de feitto de fato. Fa-

tos por importe a principiar em 6\$000 reis, de alta novidade.

Julgado Municipal de Espozende

EDITOS

DE TRINTA DIAS

(1.ª publicação)

NO inventario Na que n'este juizo se procede por obito de Anna Fernandes Costa, que foi da freguezia d'Apulia, citam-se por editos de 30 dias, todos os credores ou legatarios desconhecidos ou domiciliados fóra d'este julgado, e os herdeiros, auzentes em parte incerta no Imperio do Brazil, Joaquim Fernandes Torres, casado, e Manoel José dos Santos, tambem casado, afim de fallarem a todos os termos do dito inventario e deduzirem, no mesmo, os direitos que tiverem, que corre pelo cartorio do escrivão respectivo, consoante os §§ 3.º e 4.º do artigo 696 do Codigo do Processo Civil.

Espozende, 31 de Dezembro de 1894.

Verifiquei, João Ignacio da Silva Corrêa Simões.

O escrivão, Delfino de Miranda Sampaio.

PHARMACIA CENTRAL DE JOSÉ CANDIDO DA SILVA RAMALHO RUA DIREITA—ESPOZENDE (6) Serviço permanente

Esta pharmacia fornecida convenientemente de todos os preparados chimicos, indispensaveis ao uzo da sciencia medica, tem um variado sortimento de medicamentos estrangeiros, cuja barateza e indiscentivel utilidade não desmentem a solida reputação d'este já muito acreditado estabelecimento.

Vermifugo contra lombrigas
Este preparado é d'uma efficacia sem rival na destruição das lombrigas. Preços—conforme as idades—até 240 reis.

Chagas ou feridas, por muito antigas que sejam, curam-se completamente e em pouco tempo com o uso da pomada especifica de RAMALHO. Preço da caixa 50 reis.

Anti-Calleida RAMALHO
Este preparado é d'um resultado effizaz na destruição completa dos callos. Preço 300 reis

Elixir dentifricio RAMALHO
Este elixir é o melhor preparado conhecido para a hygiene da bocca, evitando o mau cheiro da bocca e dando força ás gengivas. Preço do frasco 500 reis.

Pós dentifricios Indianos
Os melhores pós para a limpeza e perfeição dos dentes tendo a grande propriedade de lhes não tirar o esmalte. Preço da caixa 80 reis.

Deposito geral—PHARMACIA CENTRAL—ESPOZENDE

A lua de banda em banda,
Quem me dera adivinhar
Quem no teu sentido anda.

Tenho dentro do meu peito
Duas escamas d'um peixe.
Uma diz-me que te ame,
Outra diz-me que te deixe.

Teus olhos acastanhados,
Soffro por ellas mil pezares,
Tu finges que tens cuidados,
Sem nunca em mim pensares.

Debrucei-me da janella
A colher a flor à planta,
Deixa-me ir d'aqui embora...
A minha paixão é tanta.

Em me pondo a consid'rar
Levo noites inteirinhas,
Onde foste sepultar
A amizade que me tinhas.

Não posso comer sem dar-te
Nem ver-te que me não ria,
Nem passar por cousa tua
Que não me dê alegria.

Ingrato, cruel, consentes
Que outrem diga mal de mim,
Quando eu na tua ausencia
A vida eu ponho por ti.

Semei o verde n'agua,
O encarnado na areia,
O róxo n'esse teu peito,
Na mais delicada veia.

Uma simples amizade
Muitas vezes sem se querer,
Vae creando sympathias
Chega a pontos de morrer.

O' falso, tres vezes falso,
Assim t'ó posso chamar,

Quanto mais ausente vivo,
Mais firme sou em te amar.
Os teus olhos são encantos
Protegidos do amor,
Feliz de quem os gosar
Triste de mim, se eu não fór.

O meu coração palpita,
O palpitar é segredo,
Hei de vir a ser feliz
Contigo ou tarde ou cedo.

Já fui torre em te ver,
Guarita em te avistar,
Castello em te vencer,
Praça fechada em te amar.

Qual é que foi o auctor
Que esta machina formou,
Nada no mundo é eterno,
A morte tudo acabou.

Fui á praia dos amantes,
Embarquei, fui ter a Beja,
Heide amar te como d'antes
Por muitos terem inveja.

Cada vez que por aqui passo,
Abre a terra, treme o chão,
Sò em consid'rar que tenho
Segredos na tua mão.

Eu suspiro e não durmo
Quando de ti estou ausente,
Não posso ter alegria
Só contigo estou contente.

O gosto é de quem vae,
A pena é de quem fica,
Quem abala logo acha
Amores com que se divirta.

Hei-de me ir a esconder
N'uma roseira d'armar,
De todos me hei-de esquecer,

Só de ti me hei-de lembrar.
A flôr do carapêto
Ao longe a vista que faz,
Se me não levas ao geito,
A' força não és capaz.

Não ha flôr como a da giesta,
Pela manhã ao abrir;
Nem amor como o primeiro,
Que se vae e torna a vir.

O meu leal coração
Ao teu falso obedece,
O meu leal te não lembra
O teu falso me não esquece.

A flôr da oliveira
Ao longe parece renda;
Quem tem o amor á vista
Não pode ter melhor prenda.

A salsa subiu ao alto,
A hortelã vem de volta,
Amar amores não custa,
Deixal-os pouco me importa.

Eu hei-de subir ao alto,
Que eu do alto vejo bem,
Quero ver o meu amor
Se falla com mais alguem.

Eu hei-de mandar fazer
Torres com altas varandas,
Já que te não vejo, amor,
Vejo as terras por onde andas.

Altas torres de relógio,
Viradas para a egrêja,
Não ha mulher com ventura,
Nem homem q. leal seja.

O' que parede tão alta,
Que pedra tão miudinha,
Mal'ó haja quem aparta
A tua vista da minha.

FOLHETIM

TOLE-LORE PORTUGUEZ

Trovas alemtejanas

Recolhidas no concelho d'Elvas por

A. THOMAZ PIRES

Se é por piques não me piques,
Se é por chasques não entendo,
Se é por lograr coisa tua,
Recada, que não pretendo.

Haja no cante cántela

Q'eu cá viv' decatelado;

Eu sou filho de Palmella

Nascido e baltizado.

O amor da Ribaldeira

Não tem dinheiro n'algibeira,

Grita por querer mais

Com seu amor na primavera.

Adeus ponte de Tavira,

No Algarve não ha outra

Passam os barcos á vela;

Com bandeirinha na prôa.

Se Setubal e Palmella

Tem grande entevação,

Alhos Vedros e Pégões

São eguaes a Pocerão.

Se fores ao Alemtejo

Tráz de lá 'ma alemtejana,

Pequenina e bem feita

Que saiba fazer 'ma cama.

A villa de Campo-Maior

Vae estando em grande âmento

Vim rua D'rêta acima

Foi o fogo ao convento.

Villa de Campo Maior

E' 'ma villa com 'ds mais,

O terreiro do Barão,

O largo dos Cravajaes.

Esta noite, à meia noite,

A' meia noite seria,

Ouvj cantar meu amor

Os cantos da mouraria.

Minha mãe mandou-me á mestra

Aprender o a b c,

E a mestra me ensinou

Quando passa aqui vossê?

Tenho um sacco de cantigas

E uma cesta pelo arco,

Vamos cantando as da cesta

Em quanto desato o sacco.

Esta noite que ha de vir,

Foram-me os ladrões ao monte,

Roubaram-me o que eu não tinha

Deitaram-me fogo à fonte.

Embarquei na decadencia

Barquinha de sal amargo,

Se me não queres adeus luzes,

Deus é grande, o mundo è largo.

Endoideço, pasmo e scismo

Em julgar tua vingança,

Não durmo, choro e abysmo

Em perder de ti a esperanza.

Estou cheio de falsidades

De escutar o teu paleio,

De suspiros e saudades

Tenho o meu coração cheio.

Uma ausencia muito custa,

E' amor p'ra que me entendas,

Foste p'ra mim tão injusta

Queira Deus não te arrependas.

Sete estrello vae em pino,

REMEDIOS DE AYER



Vigor do cabelo de AYER—Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.

Peitoral de cereja de Ayer. O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

Extracto composto de salsaparrilha de Ayer—Para purificar o sangue, limpar o corpo e cura radical das escrophulas.

O remedio de Ayer contra sezões—Febres intermitentes e biliosas.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sabem baratos, por que um vidro dura muito tempo.

Pilulas Catharticas de Ayer—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

Perfeito desinfectante e purificante de JEYES—para desinfecção de casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nodos de roupa, limpar metaes, e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias, PREÇO 210 REIS.

VERMIFUGO DE B. L. FAHNESTOCK

É o melhor remedio contra lombrigas. O proprietario está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remedio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

Sabonetes de glicerina marca «Cassels» muito grandes, da melhor qualidade e amaciã a pelle. Preço 200 reis a duzia (1)

COLLECCÃO ANTONIO M. PEREIRA

Vulgarisação das melhores obras por

Escretores nacionaes e estrangeiros

Romances, contos, viagens, litteratura, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10, excellentedição e optimo papel.

Preço de cada volume 200 reis brochado, ou 300 reis elegantemente encadernado em percalina.

Para as provincias acresce o porte do correio.

N.º 1—«Tristeza á Beira Mar», romance de Manoel Pinheiro Chagas, 1 vol.

N.º 2—«Contos ao Luar», por Julio Cesar Machado, 1 vol.

N.º 3—«Garmen», celebre romance de Merimé, traducção do Mariano Level.

N.º 4—«A feira de Paris», por Iriel.

N.º 5—«A mascara Vermelha» romance historico de Pinheiro Chagas.

N.º 6—«John Bull e a sua ilha» traducção de Pinheiro Chagas.

N.º 7—«O Juramento da duqueza», por Pinheiro Chagas.

N.º 8—«A Lenda da meia noite».

N.º 9—«A Joia do Vice-Rei», por Pinheiro Chagas, 1 vol.

N.º 10—«Vinte annos de vida litteraria», por Alberto Pimentel.

N.º 11—«Honra de artista», por Octave Feuillet, trad. de Pinheiro Chagas.

N.º 12—«Os meus amores», (contos e balladas), por Trindade Coelho.

N.º 13—«A aventura de um polaco», por Victor Cherbuliez, traducção de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, 1.º tomo.

N.º 14—«Aventura de um polaco», por Victor Cherbuliez, traducção de D. Maria Amalia Vaz de Carvalho. Vol. II e ultimo.

N.º 15—«Contos do tio Joaquim», por Rodrigo Paganino, 2.º edição.

N.º 16—«Batalhas da vida» por Caio-mar T. rresão.

N.º 17—«Noites de Cintra» por Alberto Pimentel, 1 vol.

N.º 18 e 19—«Em segredo», por L. Tineau, trad. de Margarida Sequeira, 2 vol.

N.º 20 e 21—«A irmã de caridade», romance de Emilio Castellar, traducção de Luiz Quirino Chaves.

N.º 22—«Migalhas da Historia Portugueza», por Pinheiro Chagas.

N.º 23—«A Cruz da brilhante», bronica d'aldeia, por Alfredo Campos.

N.º 24—«Contos» de Affonso Botelho.

N.º 25—«Contos Phantasticos», por Theophilo Braga.

N.º 26—«O mysterio da estrada de Cintra», por Eça de Queiroz e Ramalho Otúgão.

N.º 27—«O naufragio do Virente Sodré», romance historico de Pinheiro Chagas 1 vol.

N.º 28—«Vid'airada», por Alfredo Mesquita, 1 vol.

N.º 29—«O Bacharel Ramires», por Candido de Figueiredo, 1 vol.

N.º 30 e 31—«Amor á antiga», romance de Cajal, 2 vol.

N.º 32—«As netas do Padre Eterno», por Alberto Pimentel.

N.º 33—«Contos», por Pedro Ivo. Publica-se um volume por mez.

A' venda na livraria do editor Antonio Maria Pereira.

50, 52—rua Augusta—52, 54.

e em todas as outras livrarias—No Porto, na Livraria Lello, rua do Almada, 18 e 20.

AO BAZAR CENTRAL

PRAÇA DO TENENTE VALADIM

EM FRENTE AO MERCADO

ESTACÃO DE VERÃO

FATOS POR IMPORTE

Sortido de fazendas para a estação, «chanté noventé», proprias para fatos, «mac-farland», varinos, pardessus ou sobretudos, etc.

Fazendas nacionaes e estrangeiras proprias para fatos de casaca e sobrecasaca

Variados padrões em castorinas nacionaes e inglezas. Castorinas, flanelas brancas e estampadas, fazendas grossas de lã e algodão; toucas de malha, tecido de lã; grande sortido em merinos, cache-nez e lenços; morias, chitas, riscados e algodões de côr.

CHAIRES, COBERTORES e muitos outros artigos que difficil seria enumerar.

AO BAZAR CENTRAL! AO BAZAR CENTRAL!

PADARIA E MERCEARIA LISBONENSE

de

ANTONIO JOSÉ FERNANDES

19 E 20. RUA DIREITA, 21 E 22

ESPOZENDE

FARINHAS:

Fior	Preço pelo deposito de Vienna	Sacca 75 k	6:825
N.º 1	»	Sacca 75 k	6:675
N.º 2	»	»	6:525
N.º 3	»	»	6:375
Bica fina S S	»	»	55 2:020
Bolão S F	»	»	40 1:400
Farello S G	»	»	40 1:150

Todos estes preços têm o augmento do carro e de 1.º, além dos preços acima indicados.

Deposito de tabacos e lumes de cera e de pau pelo preço das fabricas, petroleo, por junto e a retalho.

Diversos generos de mercearia, vinhos finos, bebidas alcoholicas, stearinas, sebo, azeite, bacalhau, arroz, batata do Douro, etc.

PRIVILEGIO EXCLUSIVO

CONTRA A DEBILIDADE

DOENÇAS DE PEITO

FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DE FRANCO

UNICA LEGALMENTE AUCTORISADA E PRIVILEGIADA EM PORTUGAL

Preparada por PEDRO AUGUSTO FRANCO, Commendador da Ordem de Christo, Pharmaceutico fornecedor da Real Casa de Sua Magestade Fidelissima El-Rei e Senhor D. Luiz I, Membro Honorario da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, e de outras sociedades scientificas e industriaes, premiado, etc.

Esta farinha, que é um excellente e agradável alimento reparador, de facil digestão, utilissimo para pessoas de estomago debil ou enfermo, de idade avançada, convalescentes, amas de leite e para crianças, é ao mesmo tempo um valioso medicamento que pela sua acção tónica reconstituente é do mais reconhecido proveito nas pessoas anemicas, de constituição fraca, e em geral nas que carecem de forças no organismo. A sua efficacia, evidenciada pelo uso quasi geral que d'ella se faz n'aquelle paiz ha muitos annos, levou o autor a tornal-a conhecida no estrangeiro.

Ha tambem a mesma farinha peitoral preparada SEM FERRO, para os casos em que elle não seja aconselhado.

ATELIER DE ALFAIATE

de

VASCO A. PINHEIRO

12. RUA DO CAES, 12-1.º

ALFAIATE

N'este atelier executam-se todas as obras concernentes a esta arte com toda a elegancia e perfeição.

Garanto-se o bom acabamento de todas as obras.

Se pensas que por ti são
Meus maiores desatinos,
Tenho eu meu querer posto
Em outro panno mais fino.
Assenta-te, considera,
Chega ao uso da razão,
Discorre no teu sentido
As pagas que os homens dão.

Cabo de logar é fita,
Sobre de aldeia listão,
Fonte de Souto vellido
Ond'anda o meu coração.

Já Elvas não é cidade,
Nem villa the hão de chamar,
Já os arcos da Amoreira
Tiraram consigo ao ar.

Os arcos atravessados
Foram feitos p'r'os Alcamins,
Por baixo é estrada real,
Caminho de Villa Boim.

As moças do Ribeirinho
São bonitas na verdade
Só uma falta te põho
Não usarem lealdade.

Eu tenho um amor em Vazche
Que vae beber agua ao cano,
Outro na cidade de Elvas
Hade haver coisa d'um anno.

A rua do Escorregadio
Ao meio tem um leteiro,
Quem por lá tiver amores
Tem que andar c'o pé ligeiro.

Tira-te d'essa janella
Cara de sardinha frita,
Cada vez que eu te vejo
Se me revolvem as tripas.

Assubi por uma ameixa,

Desci por um cacho d'uvas,
As mulheres para os homens
São falsas como Judas.

Se eu por aqui andivesses
Q'ando o caso aconteceu,
Mas se eu andive de longe,
Meu amor não me escreveu.

Bôas noites meu amor,
Já que as tardes foram tristes,
Diz-me como tens passado
Os dias que me não vistes.

Cat'rina, Paschoa, Luzia,
Tareza, Zabel e Anna,
Sabina, Eugracia, Maria,
Francisca, Antonia, Joanna.

O pintasilgo tem pennas,
Cada penna a sua côr;
As penas que a gente apanha
São sempre penas d'amor.

Alecrim, rei das felores,
O' ouro rei dos metaes,
A'guia, rainha das avens
Leão, rei dos animaes.

Meu amor, que me deixaste,
Diz-me as razões porquê,
Deixaste-me por ser pobre,
Que riquezas tem você?

Quatro coisas ha no munc'io
Que eu desejava aprender;
Cantar bem, tocar viola,
Báhar bem e saber ler.

O lagarto, coitadinho,
'Stá enterrado na arêa,
Quem o fôr desenterrar
Tem dez annos de cadêa.

O lagarto, coitadinho,
D'inverno não apparece,

É como o amor dos homens,
É firme, não esmorece.

Tanto ai, tanta laranja,
Tanta silva; tanta amora,
Tanta menina bonita,
E meu pae sem ter 'ma nora.

Tenho o meu peito ferido,
Que m'o feriram as aves,
As aves que m'o feriram,
Foram as tuas «soidades».

Quero rir, quero cantar,
Quero comer e dormir,
O que tiver de ser meu
A minha mão me hade vir.

Olha que lindo compasso.
Que anda n'aquelle terreiro,
Como baila, como dança,
Como traz o pé ligeiro.

Os amores da azeitona,
São com'os do papagaio,
Em s'acabando azeitona,
Fica-te com Deus, lá caio.

Eu sou cortador de rama
Na herdade da Defeza,
Com 'ma machada de ouro,
Que de prata é baixeza.

Tenho ouro, tenho prata,
Tenho cobre e tenho chumbo,
E tenho metal e lata,
Tenho primeiro e segundo.

Não canto por bem cantar
Nem por ter fallas d'amante,
Só canto para dar gosto
A quem me pede que cante.

Tenho corrido mil terras,
Arrabalde de Mourão,
Eu fui criado sem sôvas,

Agora todos me dão.
Menina do casabeque
Do casabeque de renda,
E' bonita gosto d'ella,
Essa sim que é minha prenda.

O' bella rua dos arcos,
No meio tens um banquinho;
'Ma menina desta rua
Namora um caixeirinho.

Se eu quizera ser casada
Ha muito que estou pedida,
Mas entrei a consid'rar
Que era muito rapariga.

Tod'ó rapaz que não tem,
Cetro ó cinco raparigas,
Nem é rapaz, nem é nada,
Chama-se um mata-formigas.

Apaga me aquella luz,
Que está o azeite caro,
Diante de mim 'stão olhos
Que alumeam mais quelaro.

O' minha salva de prata,
Serves à menza do rei,
Tenho andado á tua cata
Inda agora te encontrei.

Tanto tempo tenho gozado
Sobre a felor do teu rosto,
Inda bem que agora tenho
Lindos amor's a meu gosto.

Eu ouvi cantar a c'ruja,
Na arraia do Góddiana
Quem tiver medo, que fuja,
Que eu sou maltez de cabana.

Deitei-me a dormir a sesta,
Pela sesta foi-se a missa;
Moça que a todos faz festa
A poucos mette coíba.

Adeus Campo Maior das flôres,
Onde tenho a minha amada;
S'eu não logro esses teus olhos
Minha sorte é desgraçada.

Adeus ó quinta das Longas,
Rodeada de felores,
Viv'á sua ganharria,
Juntamente os lavradores.

Adeus, meu amor, adeus,
Adeus que me quero ir,
Quer-l'apertar em meus braços
De ti me quero despedir.

Menina que está lá dentro,
Tenha dó de quem está fora,
Se está c'o seu bem na cama,
Digam'o, qu'eu vou-me embora.

Eu já vi nascer o sol
Nas entranhas d'um penedo;
Heide jirar uma moça
Da cidade em segredo.

A oliveira no adro
Do vento é combatida,
Para mim eu quero esta,
Antes que me corte a vida.

Tira-te d'essa janella
Candieiro de tres luzes
Mais de quatro hão de ficar
Na bocca fazendo cruzes.

Que bem sôa entre galhofas
A afamada guitarrinha
Isto em sitios retirados
A sombra da parreirinha.

Indas que sãmos do campo
Criadas à margalhota
Tambem sabemos fallar
D'amores quando nos toca.

(Continúa)